

Índice

Primeira Parte

Capítulo 1. Diário alheio	13
Capítulo 2. Sobre os primórdios	28
Capítulo 3. Um certo número de fotografias	46
Capítulo 4. O sexo dos mortos	57
<i>Não-capítulo: Leonid Gurévitch, 1942 ou 1943</i>	69
Capítulo 5. <i>Aleph</i> e consequências	73
Capítulo 6. Interesse de amor	81
Capítulo 7. A injustiça e as suas facetas	91
<i>Não-capítulo: Nikolai Stepánov, 1930</i>	102
Capítulo 8. Rasgões e diversões	104
<i>Não-capítulo: Liólia (Olga) Friedman, 1934</i>	115
Capítulo 9. Problema de escolha	121

Segunda Parte

Capítulo 1. O judeuzinho esconde-se	135
<i>Não-capítulo: Sarra Ginzburg, 1905–1915</i>	145
Capítulo 2. <i>Selfie</i> e consequências	157
Capítulo 3. Goldchain soma, Woodman subtrai	171
Capítulo 4. Mandelstam afasta, Sebald junta	186
<i>Não-capítulo. Liólia (Olga) Gurévitch, 1947</i>	200
Capítulo 5. Por um lado, por outro lado	202
Capítulo 6. Charlotte, ou a Desobediência	215
<i>Não-capítulo. Os Stepánov, 1980, 1982, 1983, 1985</i>	233

Capítulo 7. A voz de Jacob, a foto de Esaú	240
Capítulo 8. Liódik, ou o Silêncio	252
Capítulo 9. Joseph, ou a Obediência	285
Capítulo 10. O que não sei	303
Terceira Parte	
Capítulo 1. Ao destino não fugirás	325
Capítulo 2. O Liónitchka do quarto de criança	355
Capítulo 3. Rapazes e raparigas	383
Capítulo 4. A filha do fotógrafo	407
Notas	423

Primeira Parte

Capítulo 1. Diário alheio

Morreu a minha tia, irmã do meu pai, tinha oitenta e picos. Não éramos chegadas, uma longa cauda de desentendimentos e ressentimentos familiares estendia-se atrás desse parco relacionamento; os meus pais tinham com ela relações ditas complicadas, encontrávamo-nos raramente, e a intimidade entre nós era quase nula. De vez em vez trocávamos telefonemas, os encontros eram ainda menos frequentes e, com a passagem do tempo, desligando o telefone («Não quero ouvir ninguém!»), a tia refugiava-se cada vez mais na moldura que ela própria construía: na espessa acumulação das coisas e coisinhas que atravancavam o seu pequeno apartamento.

A tia Gália vivia imersa no sonho da beleza: sonho de uma nova disposição dos pertences, decisiva e definitiva, da pintura das paredes, da colocação de cortinados. Em tempos, há muitos anos, iniciou a arrumação radical, e esta, pouco a pouco, apossou-se da casa. Decorria um permanente processo de revirar e rever os objectos necessários; era preciso pôr em ordem e sistematizar o conteúdo da casa, cada chávena exigia uma reflexão, os livros e os papéis perdiam a sua natureza e tornavam-se meros usurpadores do espaço: barravam o apartamento em pilhas e montões, em barricadas. Havia só duas assoalhadas; à medida que os objectos conquistavam o espaço, a *Galka* mudava-se de uma para outra, levando consigo o mais necessário. Mas o processo de arrumação e revisão começava também nessa outra; a casa vivia com as vísceras de fora, incapaz de as

enfiar para dentro. Já não havia coisas importantes e coisas sem importância; de algum modo, tudo era significativo — em primeiro lugar, os jornais amarelados, acumulados durante décadas, em colunas altas de recortes, escorando paredes e cama. Agora, para si própria, dona da casa, apenas havia lugar no pequeno sofá afundado, e, naquela visita que é a mais memorável para mim, foi nele que ficámos sentadas as duas, no meio do mar desvairado de postais e revistas de televisão. A tia tentava servir-me um prato de curgetes, regalar-me à força com chocolates preciosos, reservados para as visitas, eu recusava-me, era uma vergonha. O recorte à cabeça da coluna era «Que ícone é adequado ao seu signo do zodíaco», o nome do jornal e a data da publicação tinham sido escritos no alto do papel sem vida, numa caligrafia impecável.

*

Chegámos cerca de uma hora depois de a cuidadora nos ter telefonado. As escadas mergulhavam na semiobscuridade e tinha-se a impressão de que esta penumbra zumbia: nos degraus e no patamar da escada havia pessoas desconhecidas de pé e sentadas que, sabe-se lá como, souberam da morte e foram as primeiras a acorrer — para proporem serviços fúnebres, a formalização dos documentos, para transportarem, certificarem, organizarem. Quem as informou, a polícia, os médicos? Um homem entrou connosco no quarto e ficou lá parado sem despir o casaco.

A tia Gália morreu na noite de 8 de Março, festa soviética de ramos de mimosa e postais com patinhos, um dos feriados oficiais em que, noutros tempos, a nossa família costumava juntar-se, em que a mesa larga da sala de jantar se abria, a gasosa se vertia nas taças escuras de cristal cor de rubi e estavam presentes quatro saladas obrigatórias: de cenoura com nozes, de beterraba com alho, a de queijo e — grande símbolo de igualdade — a salada russa. Havia já trinta anos que tal não sucedia, acabara muito antes de os meus pais terem emigrado para a Alemanha, mas a tia Gália ficou aqui, indignada, e os jornais começaram a publicar coisas impressionantes: horóscopos, receitas, novidades da medicina caseira.

A tia Gália não queria ir para o hospital e tinha razões de peso para isso. Os pais dela, meus avós, morreram no hospital, e ela própria passara por uma experiência pessoal relativa à medicina pública. Contudo, a situação exigia cada vez mais que chamassem as urgências, o que seria feito se não calhassem aqueles feriados — decidiram então esperar até segunda-feira; assim, a tia Gália teve oportunidade de se virar para o lado e morrer durante o sono. No quarto vizinho, ocupado pela mulher que cuidava dela, havia ao longo de toda a parede fotografias e desenhos do meu pai, dispostos em xadrez; a mais próxima da porta era uma foto a preto-e-branco, tirada pelo pai nos anos sessenta, pertencendo à minha série preferida sobre a clínica veterinária. É muito boa: um cão, um *boxer*, apertando-se ao dono, um rapaz sombrio dos seus catorze anos, junto à parede à espera da consulta.

*

O apartamento estava atordoado, encolhido, atulhado de objectos subitamente desvalorizados. Nos cantos do quarto grande, as carcaças secas de televisores mudos. O enorme frigorífico novo, com o congelador cheio de reservas de couve-flor e tijolos de pão («O Míchenka gosta de pão, tens de comprar bastante»). Os armários povoavam-se daqueles livros que, ao chegarmos de visita, cumprimentamos como a parentes: *Mataram a Cotovia*, um Salinger de capa preta com a figura do rapaz, lombadas azuis da «Biblioteca do Poeta», Tchékhov em cinzento, Dickens em verde. Nas prateleiras continuavam ainda os meus velhos conhecidos: um cão de madeira e outro de plástico amarelo, um urso em talha com uma bandeirinha no fio. Parecia que todos eles se haviam sentado antes da viagem², acometidos pela dúvida da sua utilidade.

Quando, passados alguns dias, comecei a arrumar os papéis, entre as fotografias e postais de felicitações e boas-festas não havia quase nenhuns *com textos*. Havia jazigos de roupa interior quente e de ceroulas de oficiais, havia saias e casacos novos e bonitos, destinados a saídas de grande gala, por isso por estrear e mantendo ainda o cheiro da loja soviética. Havia uma camisa de homem bordada, de

antes da guerra, e pequenos broches de marfim, talhados à transparência, de uma moça novinha — uma rosa, outra rosa, um grou; eram da mãe da tia, a minha avó Dora, há já quarenta anos que ninguém os usava. Existia uma ligação incontestável e directa entre essas coisas: tudo isso apenas ganhava significado e importância em conjunto, no quadro comum da vida que corria, mas que agora se desfazia em pó a olhos vistos. Li num livro sobre a estrutura do cérebro que, para tomarmos consciência de que um rosto humano é *o rosto*, para o reconhecer como rosto, não é necessário um conjunto completo de traços, mas sim o contorno desse rosto. Sem o contorno, nada feito: é ele que delineia os limites da nossa história, que a junta numa unidade concebível para a mente. O contorno pode ser a própria vida enquanto dura; ou, já *post mortem*, uma linha conexas da narração sobre o que aconteceu no passado. O humilde conteúdo desta casa, com a consciência repentina de que não passava de lixo, perdera de vez a sua imagem humana e deixara de recordar e significar fosse o que fosse.

Tratando deste conteúdo, fazendo o que era devido, espantada com o facto de haver tão escassos escritos nesta casa de grandes leituras, dedilhei com indecisa ternura as poucas teclas verbais possíveis: algumas frases do passado recente ou remoto, histórias sobre *o dono do Bolinhas*, perguntas sobre como estava *o pequerrucho*, ou seja, o meu filho, relatos sobre as caminhadas através dos campos de muitos anos atrás, dos anos trinta, um tecido verbal efémero e irrecuperável. «Nunca teria utilizado a palavra *chique*, diria *luxuoso!*» — declarava-me a Galka severamente, e depois, mais alguma coisa que não consigo recordar, notícias das amigas, novas das vizinhas, sinais que chegavam de uma vida muito solitária, alimentada com o seu próprio sangue.

No entanto, o apartamento era afinal um local de escrita, e não tardei a descobri-lo. No meio das coisas de que a tia Gália não se separara até ao fim, pelas quais perguntava e que tocava com a mão, descobri muitos volumes de diários, de crónicas escritas todos os dias, ano após ano, nem-um-dia-sem-uma-linha, num regime tão imprescindível como levantar-se e lavar a cara de manhã. Ainda estavam num baú de madeira, à cabeceira da cama, eram muitos: dois sacos

grandes que levei para minha casa, na ruela Bânni, e logo comecei a lê-los à procura de uma história, de uma explicação, de um contorno.

*

Para um rigoroso leitor de todo o género de diários e cadernos de notas, estes dividem-se em duas evidentes categorias. À primeira pertencem os redigidos numa escrita propositadamente oficial e esclarecedora — logo, para ser ouvida por estranhos. O caderno torna-se um polígono, um local de treino e ajustamento da sua própria pessoa exterior, e então, como um diário de Maria Bachkírtseva³, converte-se numa declaração pormenorizada e ampla, num monólogo infinito, dirigido a um destinatário invisível mas claramente solidário.

O que me interessa mais são os diários de outro género, aqueles que são ferramentas de trabalho, adaptadas à mão do respectivo artesão e por isso imprestáveis para os outros. A expressão «ferramenta de trabalho» é de Susan Sontag, que praticou este género durante décadas, e não me parece muito exacta. Os cadernos de apontamentos de Sontag, e não só dela, não são simplesmente um método de guardar as ideias atrás da bochecha do esquilo, ideias às quais voltaremos mais tarde, ou de deixarmos um rápido esboço do que aconteceu, para o lembrar e desenvolver quando for preciso. É uma prática absolutamente necessária para as pessoas de certo tipo: uma carcaça de arame que sustém essas pessoas fixas à realidade e a fé de que esta é contínua. Semelhantes textos contam com um único leitor, mas muito interessado; e é natural! Ao abrirmos o caderno em qualquer sítio, convencemo-nos da nossa própria realidade; é um conjunto de provas materiais que confirmam que a vida tem uma história e uma duração — e, sobretudo, que qualquer ponto do nosso passado está a dois passos.

Na sua maioria, essas coisas (apresentadas generosamente nos diários da mesma Sontag: enumeração de filmes e de livros lidos por ela, listas de palavras bonitas, engaos do vivido, cogumelos secos) quase nunca têm uma saída directa, consequências — não se desenrolam, criando um livro, um artigo, um filme, não se tornam um

suporte ou um ponto de partida para o trabalho real. Não pretendem, de maneira nenhuma, explicar a alguém seja o que for (a não ser a si próprios, mas a galope e com uma escrita tão rápida que, por vezes, é difícil reconstituir o que se tinha em mente). É um mero frigorífico, ou uma geleira, como as havia antigamente nas caves, um lugar para guardar o produto facilmente deteriorável da memória, um território onde se acumulam testemunhos e confirmações, penhores materiais de relações imateriais, recorrendo à formulação de Ivan Gontcharov.

Há nisto alguma coisa vagamente desagradável, nem que seja por força da sua redundância; tenho todo o fundamento para o dizer, já que pertenço à mesma laia, e os meus apontamentos profissionais parecem-me, não raro, um lastro: uma carga morta e redundante de que tenho vontade de me livrar; só que... o que restaria então de mim? No seu livro *The Silent Woman*, Janet Malcolm descreve o interior de uma casa que, de certo modo, é parecido com o meu caderno — e é uma sensação um tanto assustadora. Um convívio de revistas, livros, cinzeiros cheios de beatas, lembranças poeirentas do Peru, loiça por lavar e caixas de pizza vazias, frascos, caixinhas, abre-cápsulas, edições do *Who is Who*, responsáveis pelo conhecimento infalível, e certos objectos sem responsabilidades, já que há muito não parecem nada. Para Malcolm, esta habitação é o aleph de Borges, *uma alegoria monstruosa da verdade*, uma mistela de versões e factos desarrumados, sem ter adquirido a ordem pura da história.

*

Mas os diários da minha tia Gália eram de um tipo muito específico: à medida que os lia, a sua textura peculiar — que se assemelhava sobretudo a uma rede de pesca de malha grande — tornava-se cada vez mais enigmática e interessante.

Na minha infância, nas grandes exposições de arte, era sempre possível ver visitantes de um determinado tipo. Por qualquer razão, eram na sua maioria mulheres que passavam de uma tela para outra, inclinavam-se para as legendas informativas e tiravam apontamentos em folhas ou nos cadernos. Em certo momento, compreendi que